



# MANUAL DE ELABORAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

## Monografias e Dissertações

**Coordenação e Elaboração:**

Lino Marques Samuel

Heitor Simão Mafanela Simão

BEIRA

2016

## Índice

1	Introdução .....	4
2	Monografias e Dissertações .....	4
3	Capítulo I: Projecto de Pesquisa .....	5
3.1	Problematização.....	6
3.1.1	Relevância do estudo .....	8
3.1.2	Delimitação da pesquisa .....	8
3.1.3	Problema .....	9
3.2	Pergunta de partida ou hipótese (s).....	9
3.2.1	Variáveis ou questões de investigação.....	9
3.3	Objectivos .....	10
3.4	Marco teórico.....	11
3.5	Metodologia .....	13
3.5.1	Tipo de Pesquisa.....	13
3.5.2	Universo.....	13
3.5.3	Amostra.....	14
3.5.4	Técnicas de recolha de Dados .....	14
3.5.5	Plano de Apresentação, Análise e interpretação de Dados.....	15
4	Capítulo II: Relatório de Pesquisa.....	17
4.1	Estrutura dos Trabalhos .....	17
4.1.1	Elementos Pré-Textuais.....	18
4.1.2	Elementos Textuais.....	21
5	Capítulo III: Formatação Básica.....	26
5.1	Enumeração .....	26
5.2	Listas.....	27
5.3	Texto .....	27
5.4	Fonte e espaçamento .....	27
5.5	Citações.....	28
5.6	Notas de rodapé.....	28

5.7	Dimensões dos Trabalhos Científicos .....	28
5.8	Capítulos .....	28
5.9	Títulos .....	28
5.10	Margens .....	29
5.11	Apêndices .....	29
5.12	Anexos .....	29
5.13	Tabelas e Figuras .....	30
5.14	Referências bibliográficas .....	30
6	Capítulo IV: Critérios para avaliar Monografias e Dissertações .....	31
7	Referências Bibliográficas .....	32

## 1 Introdução

O Centro de Ensino a Distância da Universidade Católica de Moçambique tem como exigência final dos cursos de licenciatura e mestrado a apresentação de uma monografia e dissertação para a obtenção dos respectivos graus. Embora uma monografia e dissertação, de licenciatura e mestrado respectivamente, não necessite de constituir um contributo absolutamente inovador para a ciência, deve revelar “...maturidade científica, apuro técnico e capacidade de utilização das fontes, denotando rigor científico” (Azevedo e Azevedo, 1994, p.51).

O grau de licenciado e de mestre comprova um nível aprofundado de conhecimentos numa área científica e capacidade para a prática da investigação.

Pretende-se que este guia forneça algumas linhas de orientação geral e dê um suporte básico aos estudantes finalistas relativamente ao desenvolvimento deste tipo de trabalho.

## 2 Monografias e Dissertações

As monografias e dissertações são trabalhos adoptados nos cursos de licenciatura e de mestrado, estando também submetidas à defesa pública e à avaliação de um júri.

Sousa (1991, p.1) argumenta que:

dissertar significa discorrer sobre determinado tema, de forma abrangente e sistemática. Assim sendo, a dissertação (ensaio elaborado com vistas ao título de mestre), normalmente, não requer originalidade, mas revisão bibliográfica acurada, teórica e empírica, e sistematização das ideias e conclusões acerca de determinado tema.

É importante que a escolha do tema esteja sustentada no prévio conhecimento teórico sobre o assunto, que o mesmo esteja bem delimitado e venha a contribuir com relevância quer para aumentar o conhecimento sobre um determinado objecto de estudo, quer para produzir melhorias (ou transformação), do ponto de vista pessoal, social ou comunitário.

A monografia e a dissertação devem evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto, a capacidade de sistematização, de problematização e de contextualização do candidato a licenciatura e mestrado.

Abaixo iremos apresentar as diferentes fases para a elaboração de uma monografia e de uma dissertação, nomeadamente o projecto de pesquisa, a recolha e análise dos dados e a redacção do relatório final.

### 3 Capítulo I: Projecto de Pesquisa

Geralmente todos trabalhos científicos são precedidos de um projecto de pesquisa. O projecto de pesquisa é uma descrição breve de uma proposta de investigação, procurando nortear as etapas a serem seguidas pelo pesquisador, bem como apresentar a metodologia e verificar a viabilidade da pesquisa. Aliás, o investigador: (a) especifica o problema que pretende pesquisar, situando-o espacial e temporalmente, (b) define os principais conceitos-chave da pesquisa (a partir do qual irá desenvolver o seu quadro teórico); (c), descreve, fundamentando, a metodologia que pretende adoptar; (d) apresenta os principais contributos da pesquisa (e) identifica as limitações do estudo; (f) desenha o cronograma das actividades de pesquisa., (g) apresenta as possíveis soluções ao problema, caso seja necessário dependendo do tipo de estudo, que serão a posterior validadas ou refutadas.

O documento permitirá a avaliação da pesquisa pela comunidade científica e será apresentado para se obter aprovação e/ou financiamento para sua execução. GIL (1991, citado por Silva e Menezes, 2005, p.91). Só após a aprovação pelo Conselho Científico é que se passa as fases seguintes da escrita.

Muitos autores apontam que, pelo facto de as pesquisas diferirem entre si, não pode haver, naturalmente, um modelo fixo para a redacção do projecto, mas que é possível apresentar um esquema/estrutura abrangente dos vários tópicos que o compõem:

**Capa**

**Folha de Rosto**

**Índice**

**Introdução**

**Problematização** (Pergunta de partida)

**Contextualização/delimitação da pesquisa**

**Objectivos:** objectivo geral e objectivos específicos

**Questões de pesquisa (ou hipótese/s)**

**Relevância do estudo** (motivação e contributos)

**Marco teórico** (Revisão da Literatura)

**Metodologia:** (opção, procedimentos e limites), Tipo de Pesquisa, Participantes (Universo e Amostra), Instrumentos de Recolha de Dados, Modelo de análise de dados

**Cronograma**

**Orçamento**

## Referências Bibliográficas

### Apêndices e anexos (caso haja)

O projecto de pesquisa é na verdade uma orientação dinâmica e flexível que indica onde o pesquisador quer chegar e os caminhos que pretende seguir e, por isso, pode ser feito um reajustamento *ad hoc* sempre que necessário, adequando-o às novas exigências que vão emergindo no desenrolar do trabalho.

A seguir procuramos apresentar e explicar com o mínimo de detalhes alguns elementos que compõem o projecto de pesquisa:

### 3.1 Problematização

Em ciências sociais, a questão relacionada com a formulação de problema refere-se ao processo de identificação, caracterização e delimitação de um determinado fenómeno (acontecimento ou experiência) no sentido de aumentar o conhecimento sobre o mesmo e/ou contribuir para resolver uma determinada problemática associada aquele e/ou ainda produzir melhorias/mudanças (sociais ou profissionais). Enquanto alguns autores procuram distinguir problema e oportunidade de pesquisa, outros apresentam uma perspectiva diferente, como duas faces da mesma moeda que para serem solucionadas ou capitalizados dependem de uma pesquisa de informação.

Alves-Mazzotti e Gewansznadger (1999, p. 149), conceptualizam o problema de pesquisa, no seu sentido mais estrito, como uma indagação referente à relação entre duas ou mais variáveis ou como “uma questão relevante que nos intriga e sobre a qual as informações disponíveis são insuficientes”.

Na verdade, o processo de formulação do problema, como se diz, envolve mais transpiração do que inspiração, por isso mesmo, é a etapa mais difícil de projecto de pesquisa, exigindo por parte do pesquisador muita arte e habilidade de leitura e reflexão para abordar o processo com o máximo de cuidado.

Alves-Mazzotti e Gewansznadger (1999, p. 145) acrescentam que o conhecimento da literatura é uma condição necessária para formular o problema, no sentido de identificar ou definir com mais precisão os problemas que precisam de ser investigados numa determinada área ou campo de estudo. Aliás, estes teóricos dizem que há três situações que podem dar origem a um problema de pesquisa: (a) lacunas no conhecimento existente, (b) inconsistência entre o que uma

teoria prevê e o que realmente acontece e (c) inconsistências entre os resultados de diferentes pesquisas ou entre estes e o que se observou na prática.

Por outro lado, Richardson (1999, p. 58) diz que o processo de formulação pressupõe dois comportamentos distintos do pesquisador:

- a) O primeiro aspecto implica que o pesquisador detenha domínio do fenómeno devido à experiência adquirida em pesquisas anteriores e/ou em leituras, ou defina o problema de pesquisa sem a participação da população em estudo e elabore instrumentos de recolha de dados, que serão fornecidos a um grupo de pessoas utilizadas apenas como objectos de estudo. Estas pessoas são designadas por amostra do estudo:

O pesquisador, procurando ampliar e produzir conhecimentos, pode definir os problemas de investigação a priori, baseando-se em experiências cognitivas anteriores bem como em investigações exploratórias ou em aproximações sucessivas à realidade. Os problemas poderão também surgir a partir da necessidade que o pesquisador tem de complementar acervos sobre determinados fenómenos. (Barros & Lehefeld, 2003, p. 47)

- b) O segundo aspecto está relacionado com uma espécie de *briefing* ou diagnóstico participativo do problema junto da população, estabelecendo mútuos laços de confiança, evitando *blackout* da população de modo a identificar os seus problemas reais:

O pesquisador insere-se na população que deseja estudar e juntamente com seus elementos, em constante interacção, tenta levantar os problemas que serão pesquisados, com o objectivo de produzir um conhecimento concreto da prática que vivencia. Aqui o pesquisador acredita que a população que pretende estudar é a única que tem condições de levantar os problemas prioritários de pesquisa. (Richardson, 1999, p. 58)

Nesta fase o pesquisador, deverá formular algumas questões norteadoras: Qual a importância do fenómeno a ser pesquisado? Que factores ditaram o surgimento do fenómeno? Há quanto tempo ocorre o fenómeno? Por que pesquisar este fenómeno? Quem beneficiará dos resultados da pesquisa?

Claro que ao colocar estas questões, ou seja, ao problematizar ou ao identificar a oportunidade, o pesquisador deve ter em conta que, num ambiente social, existem, essencialmente, duas causas básicas que podem ter dado espaço para o surgimento do problema. São elas, mudanças não planeadas e mudanças planeadas, que surgem devido a vários factores externos e internos tais como factores económicos, factores tecnológicos, factores científicos, factores socioculturais,

factores demográficos, factores ecológicos e factores político-legais, entre outros.

É importante realçar que o pesquisador, dentro deste processo de formulação do problema, deve, acima de tudo, procurar delimitar o problema através de uma pesquisa exploratória. A sua atitude deve ser idêntica à de um médico que escuta o seu paciente para diagnosticar o problema e poder prescrever o tratamento adequado.

Haja cuidado durante este processo, pois Richardson (1999, p. 59) elucida que nem todas as questões devem ser consideradas problemas de pesquisa, mas sim aquelas que necessitam de uma resposta devido à sua importância na sociedade ou no campo das ciências humanas.

### **3.1.1 Relevância do estudo**

A relevância do estudo coloca-nos em contacto com o quadro de referência a partir do qual o investigador decide definir o seu objecto de estudo, bem como perante os motivos/razões que o levam a realizar esse estudo. É nesta secção que se deve referir os principais contributos teóricos e práticos da pesquisa.

### **3.1.2 Delimitação da pesquisa**

Para se conduzir a pesquisa de maneira adequada, deve-se tornar o problema mais específico, pois nem todos os termos usados deixam claro os contornos da sua extensão. De facto, não é plausível que se queira investigar os vários registos implicados numa investigação. Parte-se, sempre, de um enfoque (ou abordagem). Daí a exigência de delimitar o campo da pesquisa.

A prática manda que se delimite a pesquisa tendo em conta o espaço e o tempo em que se faz sentir e ocorre o problema, para além do ponto de vista temático e das teorias em que o estudo será conduzido.

Ao se delimitar, tendo em conta o ponto de vista das metodologias de investigação, o estudo deve fazer menção à área disciplinar ou à interdisciplinaridade (ou ainda à transdisciplinaridade) do estudo quando se tratar de um trabalho que abarca várias disciplinas, referindo-as e mostrando como se relacionam com o fenómeno em estudo.



### 3.1.3 Problema

Embora não existam regras rígidas para a formulação do problema, o problema em si deve ser colocado na forma de uma pergunta, precedido da sua respectiva formulação. Quer dizer que depois de descrever todo o *background do* fenómeno, definindo-o, apresentando as características, dizendo onde ocorre, quando ocorre, como se manifesta, identificando os intervenientes e explicando factos que se relacionam com o fenómeno, o pesquisador coloca o problema ou seja a pergunta de pesquisa, sempre na forma interrogativa, com o auxílio do *como, que, quando e por que*, esta última expressão, como diz Richardson (1999, p. 27), sem resposta fácil para pesquisas desenvolvidas pelo método científico.

É importante destacar que ao longo do projecto há uma relação entre o problema, o tema, os objectivos, a pergunta de partida (ou hipótese/s) e as técnicas ou instrumentos de recolha de dados. Para além disso, é a partir do problema que o pesquisador define o título (tema, para alguns) do trabalho.

## 3.2 Pergunta de partida ou hipótese (s)

A pergunta de partida, na pesquisa de índole qualitativa, visa orientar o processo de investigação ao longo da pesquisa. Considerando que, nesta modalidade de pesquisa, o “problema” não é definido *a priori*, então torna-se necessário ter um ponto de partida que vai assumindo, progressivamente, uma maior consistência e sustentação, podendo no final do processo de pesquisa dar origem a uma hipótese (ou várias). Quando se parte de uma hipótese (ou várias), significa que o problema já está bem definido e delimitado. A abordagem, neste caso, é uma abordagem de índole quantitativa, tendo como propósito validar ou testar essa (s) hipótese (s).

Importa, no entanto, referir que nem todos os tipos de pesquisa requerem hipóteses (neste caso opta-se por uma pergunta de partida). Existem na literatura especializada sobre pesquisa, vários tipos de hipóteses e exigências na sua formulação. Para uma maior compreensão, recomendamos uma leitura aprofundada da matéria (Richardson, 1999).

### 3.2.1 Variáveis ou questões de investigação

Como se pode ver, a hipótese pode também ser entendida como uma relação hipotética entre duas ou mais variáveis. As variáveis têm como propósito efectuar uma correlação causal (causas *versus* efeitos), enquanto as questões de investigação procuram realizar sucessivas aproximações

a um determinado objecto de estudo, de modo a compreendê-lo a partir do quadro de referência simbólico (sentido, significados, valores, afectos...) dos actores ou, ainda, para produzir conhecimento prático (emancipador) que se revista de utilidade social e/ou comunitária (e/ou profissional). (Flick, 2005; Gutiérrez, 2003; Lessard- Hérbet & Boutin, 2010).

### *3.2.1.1 Indicadores ou unidades de análise*

Os indicadores são factores que possibilitam a mensuração da variável no fenómeno em estudo (abordagens de índole quantitativas). É a partir dos indicadores que se desenham os instrumentos de recolha de dados. Há uma discussão entre os autores sobre os indicadores na medida em que alguns são da posição de que a definição operacional das variáveis deve conter os indicadores, outros são da posição contrária. Mas é de consenso que o projecto de pesquisa apresente os indicadores quer esteja na definição operacional ou não.

Contudo, se se tratar de uma pesquisa de índole qualitativa, do que se trata é de definir as principais unidades de análise, com base na articulação entre o quadro teórico e a pesquisa empírica. Habitualmente, este processo é designado como o processo de categorização da informação recolhida (análise de conteúdo). Para um aprofundamento desta temática, ver a obra de Bardin (2009).

## **3.3 Objectivos**

A definição dos objectivos da pesquisa é um processo muito importante para a solução do problema focado, pois estes antevêm e expressam os passos que o pesquisador vai dar para o solucionar. Por essa razão, os objectivos devem ser extraídos do problema levantado.

A experiência do pesquisador nesta fase é relevante, mesmo porque se deve ter em conta que alguns dos objectivos, normalmente, surgem durante a formulação do problema.

Os objectivos dividem-se em geral e específicos. Enquanto o objectivo geral se relaciona directamente com o problema (pergunta de partida ou hipótese/s), focalizando a pesquisa de maneira ampla, os específicos operacionalizam o objectivo geral, visando facilitar a formulação das variáveis (abordagem quantitativa) ou das questões de investigação (abordagem qualitativa).

O pesquisador deve elaborar objectivos tendo em conta que ele deve ser claro, simples e

preciso para não dar lugar a interpretações subjectivas. Deve ser mensurável (nas abordagens quantitativas), dando a possibilidade de avaliar o seu cumprimento. Deve ser alcançável durante o período em que a pesquisa irá decorrer e deve ser orientado para o fenómeno estudado, de modo a satisfazer a necessidade concreta do grupo-alvo.

Há que se prestar atenção, também, à escolha dos verbos a usar ao traçar o objectivo geral ou o específico.

Na formulação de objectivos podem-se usar os verbos abaixo indicados, segundo a pretensão do pesquisador:

1. **Determinar estágio cognitivo de conhecimento:** os verbos apontar, arrolar, definir, enunciar, inscrever, registar, relatar, repetir, sublinhar e nomear;
2. **Determinar estágio cognitivo de compreensão:** os verbos descrever, discutir, esclarecer, examinar, explicar, expressar, identificar, localizar, traduzir e transcrever;
3. **Determinar estágio cognitivo de aplicação:** os verbos aplicar, demonstrar, empregar, ilustrar, interpretar, inventariar, manipular, praticar, traçar e usar;
4. **Determinar estágio cognitivo de análise:** os verbos analisar, classificar, comparar, constatar, criticar, debater, diferenciar, distinguir, examinar, provar, investigar e experimentar;
5. **Determinar estágio cognitivo de síntese:** os verbos articular, compor, constituir, coordenar, reunir, organizar e esquematizar;
6. **Determinar estágio cognitivo de avaliação:** os verbos apreciar, avaliar, eliminar, escolher, estimar, julgar, preferir, seleccionar, validar e valorizar.

### 3.4 Marco teórico

O marco teórico (quadro teórico para uns, referente teórico ou epistemológico para outros), normalmente começa com a revisão da literatura (bibliografia), ou seja, com a análise ou levantamento das mais recentes obras científicas disponíveis (artigos científicos ou outro tipo de documentação considerada relevante), que tratem do assunto ou que dêem corpo teórico e metodológico para o desenvolvimento do projecto de pesquisa. O desenvolvimento do marco teórico está dependente da correcta formulação do problema.

Nesta fase, o pesquisador apresenta o “estado da arte”, mostrando que se encontra actualizado sobre as últimas discussões no campo do conhecimento em estudo. Além de artigos em periódicos nacionais e internacionais e livros já publicados, as monografias, dissertações e teses constituem fontes de referência e de consulta.

O marco teórico deve integrar o relatório. É um elemento importante dado que nele são explicitados os principais conceitos e termos técnicos a serem utilizados na pesquisa. A coerência e a vinculação entre o marco teórico, o problema e a metodologia adoptada são essenciais pois clarificam a lógica da construção do objecto de estudo, além de serem os principais referentes para a interpretação e discussão dos resultados da pesquisa. Para além disso, é nesta exigência de articulação que se vai construindo o rigor metodológico, condição *sine qua non* do processo de validação interna do estudo.

Contudo, a forma de apresentação do marco teórico nos trabalhos científicos não é consensual entre pesquisadores. Alguns preferem uma apresentação sistematizada dentro de um capítulo ou secção (como acontece no Centro de Ensino à Distância), reservado para o efeito. Outros consideram essa prática desnecessária, inserindo o marco teórico ao longo da análise dos dados. Esta última alternativa exige maior competência e capacidade de raciocínio por parte do pesquisador:

Em qualquer circunstância, porém, a literatura revista deve formar com os dados um todo integrado: o referencial teórico servindo à interpretação (...) orientando a construção do objecto e fornecendo parâmetros para a comparação com os resultados e conclusões do estudo em questão. (Alves- Mazzotti & Gewansznadger, 1999, p. 185).

Contudo, no CED, recomenda-se que o marco teórico seja dividido em títulos e subtítulos para que o relatório seja elegante e bem articulado.

Não há diferença entre o marco teórico numa monografia e numa dissertação. Entretanto, o marco teórico, apresentado no projecto de pesquisa, deve continuar a ser enriquecido até à finalização do relatório de pesquisa.

Assim, ao redigir o relatório final tanto na monografia como na dissertação é imperativo a inserção de alguns elementos do marco teórico ao longo da interpretação e discussão dos resultados. Por outras palavras, deve haver uma confrontação dos dados pesquisados com a teoria ou com o pensamento de vários autores. Este facto não retira a possibilidade de, se necessário, em texto corrido e em espaço próprio do marco teórico, o pesquisador fazer a **definição de conceitos** mais usados no estudo, discutindo os diferentes pontos de vista dos autores e como o mesmo conceito deve ser entendido no trabalho.

### 3.5 Metodologia

A metodologia é o conjunto de métodos e técnicas utilizadas para a execução de uma pesquisa. Nesta secção pretende-se que o pesquisador apresente a abordagem/tipo e o nível de pesquisa, faça a apresentação do universo, da amostra e do respectivo processo de selecção, dos métodos/técnicas de recolha de dados e do plano de apresentação e análise de dados (este último se se trata de um projecto de pesquisa).

#### 3.5.1 Tipo de Pesquisa

Existem vários tipos de abordagens (enfoques ou paradigmas) de investigação: (a) positivista (empírico-teórico ou hipotético-dedutivo), (b) interpretativo (sentido ou significado), (c) crítico (participativo ou emancipador) (d) experimentais, (e) quase-experimentais, (f) estudo de casos e (h) investigação acção. Estas abordagens utilizam métodos “qualitativos” e/ou “quantitativos” conforme a definição do objecto de estudo. Por conseguinte, o que determina a escolha destes é, precisamente, a problemática em estudo. Como referem Lessard-Hérbet e Boutin (2010, pp. 32-33) “(...) O facto de uma investigação poder ser classificada de «interpretativa ou qualitativa provém mais da sua orientação fundamental, do que dos procedimentos que ela utiliza. Uma técnica de pesquisa não pode constituir um método de investigação»”.

Daí que para estes autores (Lessard-Hérbet e Boutin, 2010, p. 31), a expressão “metodologias qualitativas” engloba, habitualmente, um conjunto diversificado de abordagens: “observação participante, etnografia, estudo de casos, interaccionismo simbólico, fenomenologia, ou, muito simplesmente, abordagem qualitativa.”

No caso concreto do CED, pela sua missão e oferta formativa, sugerimos abertura na aplicação de metodologias de investigação. Assim, no campo de educação, as abordagens que hoje se tendem a impor, são, sobretudo, a interpretativa (ou etnográfica) e a crítica (ou investigação-acção).

#### 3.5.2 Universo

O campo de estudo é toda a população a que pertence o grupo focal da pesquisa. Deve ser mencionada brevemente, mas de maneira completa. Esta população é o universo da pesquisa. Faz-se necessário, contudo, definir o que é universo. Este pode ser compreendido como o conjunto, a totalidade de elementos ou indivíduos que possuem determinadas características, definidas para um estudo. É do universo que se retira uma parte para submeter às **técnicas** de

recolha de dados. O universo deve ser quantificado em números exactos ou aproximados à realidade.

### 3.5.3 Amostra

As monografias e as dissertações são trabalhos científicos que têm limitações temporais e financeiras. Daí a necessidade de trabalhar com uma parte da população, a amostra.

Existem dois procedimentos de selecção de amostras, o probabilístico e o não probabilístico, cada um com as suas limitações e vantagens quando se fala em representatividade. Neste manual, não vamos explicar a tipologia de cada uma delas. Esse é um trabalho feito na literatura especializada.

Neste manual pretende-se esclarecer que nesta matéria de amostragem o importante é que, para além de definir e descrever com exactidão o seu tipo de amostra e os critérios usados para a sua selecção, o pesquisador deve garantir a representatividade (excepto na abordagem qualitativa) da população identificando elementos com características que lhe possibilitem responder validamente às questões colocadas. Quer dizer que, conforme for seleccionada a amostra, deve haver uma probabilidade adequada de ela ser representativa da população.

O que interessa ao construtor de inquéritos é obter uma fracção desta população na qual algumas destas características estariam distribuídas do mesmo modo que na população, ou aproximadamente. Que características? Aquelas que têm uma relação directa com o inquérito que vamos realizar. (Jeveau cit. em Cabrito et al., 1992, p. 178).

A amostra é, portanto, qualquer subconjunto da população estudada cujas características, que a levam a fazer parte do estudo, devem ser amplamente descritas.

Em pesquisas qualitativas, a *definição da amostragem* não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. Uma pergunta importante neste item é "quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?" A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões (Minayo, 1992).

### 3.5.4 Técnicas de recolha de Dados

As técnicas de pesquisa são os instrumentos específicos que o pesquisador utiliza para aceder ao campo (trabalho empírico). As técnicas mais usadas são: (a) inquérito (por entrevista e/ou

questionário), (b) observação (directa-sistemática e/ou participante) e (c) análise documental.

As técnicas estão muito relacionadas com a abordagem/natureza adoptada para a pesquisa. Mas, como já se fez referência, numa mesma pesquisa (por exemplo na abordagem/ qualitativa ou, por outras palavras, interpretativa e/ou crítica) podem ser usados métodos qualitativos e/ou quantitativos. A utilização de várias técnicas de recolha de dados, vulgo triangulação, na mesma pesquisa, só acaba enriquecendo ainda mais o estudo. Por conseguinte, uma coisa é falar de abordagem de índole qualitativa, que se reporta ao modo como se perspectiva, analisa e interpreta um determinado fenómeno, outra, bem distinta, é o processo de recolha de dados que pode, conforme a problemática definida, recorrer a métodos qualitativos e/ou quantitativos.

Ao descrever os instrumentos de recolha de dados deve-se fazer referência aos elementos da amostra a que eles serão aplicados e que informações o pesquisador pretende obter deles.

Em pesquisas qualitativas para a *coleta de dados* devemos definir as técnicas a serem utilizadas tanto para a pesquisa de campo (entrevistas, observações, formulários, história de vida) como para a pesquisa suplementar de dados, caso seja utilizada pesquisa documental, consulta a anuários, censos. Geralmente se requisita que seja anexado ao projecto o roteiro dos instrumentos utilizados em campo (Minayo, 1992).

Em caso da pesquisa ser um estudo de caso deve-se proceder a uma breve caracterização do caso que está a ser estudado. Neste parágrafo deve-se apresentar de maneira geral a instituição onde a pesquisa está sendo realizada, indicando o seu historial, localização, serviços, recursos, missão e objectivos entre outros aspectos que possibilitem o leitor visualizar a instituição.

### **3.5.5 Plano de Apresentação, Análise e interpretação de Dados**

As variáveis e os indicadores (ou unidades de análise de sentido e/ou de contexto) permitem orientar a análise de dados no sentido de aceitar ou rejeitar as hipóteses definidas para a pesquisa ou (no caso de abordagens de “tipo qualitativo”) estabelecem relações entre as asserções teóricas e a “(...) variabilidade das relações entre as formas de comportamento e os significados que os actores lhes atribuem através das suas interacções sociais” (Lessard-Hébert & Boutin, 2010, p. 39). Tratando-se de um projecto de pesquisa, o plano deve espelhar o modo como o pesquisador pretende apresentar e analisar os dados.

Neste ponto, o pesquisador faz uma previsão do modo como o plano será apresentado, tendo em conta o tipo e o nível de pesquisa e a técnica de recolha de dados. Da mesma maneira, nos estudos quantitativos, apresenta o modo como será feita a análise dos dados, referindo-se aos instrumentos auxiliares para a apresentação, como por exemplo tabulações e processamento de dados em *softwares* informáticos especializados, como Word, Excel e/ou SPSS, entre outros.

Em pesquisas qualitativas na *organização e análise de dados*, devemos descrever com clareza como os dados serão organizados e analisados. Por exemplo, as análises de conteúdo, de discurso, ou análise dialética são procedimentos possíveis para a análise e interpretação dos dados e cada uma destas modalidades preconiza um tratamento diferenciado para a organização e sistematização dos dados, (Minayo, 1992). E, igualmente aconselha-se a recorrer a triangulação de dados conforme mostra Guerra (2006).



## 4 Capítulo II: Relatório de Pesquisa

### 4.1 Estrutura dos Trabalhos

Basicamente, os trabalhos científicos apresentam a mesma estrutura (introdução, desenvolvimento, conclusão e recomendações finais), diferenciando-se, nos objectivos, na profundidade, na metodologia usada, na defesa, entre outros aspectos.

Esta parte do manual destina-se à orientação dos trabalhos tendo em conta a definição de critérios para a redacção do relatório. Partimos da premissa de que os trabalhos serão realizados com o emprego do programa processador de textos Word, da Microsoft ou outro equivalente.

Como já dissemos o manual tem por meta servir como fonte rápida e prática de consulta aos estudantes. Assim, somente os tópicos mais comuns serão tratados.

Em conformidade com várias normas, as monografias e as dissertações são compostas dos seguintes elementos, na ordem de apresentação: elementos pré-textuais, elementos textuais e elementos pós-textuais.

Os elementos pré-textuais: são todos os elementos, embora alguns não sejam de carácter obrigatório, que antecedem o texto principal e vêm apresentadas em folhas numeradas com algarismos romanos minúsculos a partir da folha de rosto (i). Estes elementos são apresentados na seguinte ordem: capa, folha de rosto, índice, declaração, agradecimentos, dedicatória, listas e resumo.

Os elementos textuais ou o texto principal é composto: (a) pela introdução como capítulo I; (b) o marco teórico como capítulo II; (c) a opção metodológica como capítulo III; (d) a apresentação e análise dos dados como capítulo IV; (e) a discussão dos resultados como capítulo V; as conclusões e sugestões como capítulo VI; (f) as referências bibliográficas; (g) finalmente, quando se justificar) haverá, ainda, mais duas secções: os Apêndices (documentos produzidos pelo investigador) e Anexos (documentos consultados).

Os elementos pós-textuais são todos aqueles que vêm após o texto principal, a seguir a bibliografia ou referências bibliográficas, na seguinte ordem: apêndices e anexos.

A seguir apresentamos a estrutura geral ou fluxograma (sequência dos itens) adoptado pelo Centro de Ensino à Distância na formatação dos trabalhos científicos:

Capa Folha de Rosto Índice Declaração Agradecimentos Dedicatória Listas (abreviatura, tabelas e figuras) Resumo	Elementos pré-textuais
Capítulo I: Introdução Engloba a delimitação do problema Relevância do estudo Problema Objectivos Dificuldades encontradas Considerações éticas do trabalho	Elementos textuais
Capítulo II: Revisão da literatura	
Capítulo III: Aspectos metodológicos: Opção metodológica Participantes (universo e amostra) Técnica de recolha de dados Modelo de análise de dados	
Capítulo IV: Apresentação e análise de dados	
Capítulo V: Discussão dos resultados	
Capítulo VI: Conclusões e sugestões	
Referências bibliográficas	
Apêndices e anexos	Elementos pós-textuais

#### 4.1.1 Elementos Pré-Textuais

##### 4.1.1.1 Capa

A capa serve de protecção às páginas do volume que compõem a monografia ou dissertação. Ela deve ser do mesmo tamanho das páginas (A4) coberta de plástico transparente, para melhor proteger o documento e para permitir ao leitor a visualização da capa. A capa vem antes da página de rosto e deve conter os seguintes elementos:

- Nome da instituição
- O título completo do trabalho científico
- Nome do estudante
- Data da submissão

Nome da Instituição
Título do Trabalho
Nome do Estudante
Data da submissão

Nas dissertações, há que salientar que na capa e na folha de rosto deve constar o logotipo da UCM.

Uma capa também deve ser posta após a última página do trabalho, com o mesmo objectivo de protecção e manuseio; esta, todavia, deve ser de cartolina com uma cor escura, de preferência preta.

#### *4.1.1.2 Folha de Rosto*

A folha de rosto serve para permitir ao leitor, para além da identificação do título e do autor do trabalho, a imediata identificação do trabalho (monografia ou dissertação), a instituição para a qual foi apresentada, a área de formação e o supervisor do trabalho. Apresenta-se também o ano de conclusão do curso.

##### *4.1.1.2.1 Formatação e Elementos da Folha de Rosto*

1. No alto da página (a 3cm da margem superior), centralizado: título do trabalho científico.
2. No fim do primeiro terço da página (em 10cm), centralizado, o nome do autor do trabalho científico.
3. Logo abaixo, um parágrafo cuja margem esquerda se inicia no alinhamento vertical do centro do parágrafo do título do trabalho, indicando a natureza académica do trabalho, a instituição de ensino, a área de formação e o supervisor do trabalho.
4. Na parte mais baixa, em parágrafos centralizados e sobrepostos, a cidade e a data de conclusão do trabalho, incluindo, no mínimo, o ano.

<p>Nome da instituição</p> <p><b>Título do Trabalho Científico</b></p> <p>Nome do Estudante - N.º 70800980</p> <p>Monografia/Dissertação  Submetida ao Centro de Ensino  à Distância - Universidade  Católica de Moçambique como  requisito parcial para a obtenção  do grau de licenciado ou mestre  em ... (Curso).</p> <p>Orientado por:  Nome do docente / Orientador</p> <p>Beira, Mês e ano</p>
---

#### 4.1.1.3 Índice

O índice é a enumeração dos títulos dos capítulos e suas divisões, com indicação da página de seu início, tendo por objectivo facilitar ao leitor a localização de textos nos trabalhos científicos. É importante destacar que o índice deve ser construído automaticamente.

#### 4.1.1.4 Declaração

É a parte do trabalho em que o autor certifica/assina um compromisso de propriedade intelectual, autenticidade do trabalho e de ter identificado devidamente todas as fontes consultadas durante a sua realização. Caso contrário, o autor incorre em plágio.

#### 4.1.1.5 Agradecimentos

Se o autor do trabalho científico desejar manifestar sua gratidão a outras pessoas, tais como o

supervisor/tutor do trabalho, financiadores, instituições, colaboradores, bibliotecários, digitadores, revisores entre outros, pode fazê-lo em página destacada.

#### *4.1.1.6 Dedicatória*

Tal como os agradecimentos, a dedicatória é um pequeno texto em que o autor do trabalho manifesta, se esse for o seu desejo, suas afeições e agradecimentos a pessoas do seu estreito relacionamento, normalmente familiares.

#### *4.1.1.7 Listas*

As listas são índices de outros elementos tais como abreviaturas, gráficos, mapas, tabelas, ilustrações. A necessidade de uma lista está condicionada à existência desses componentes no corpo do trabalho.

#### *4.1.1.8 Resumo*

Chama-se resumo a síntese do trabalho inserida antes da introdução servindo como uma apresentação panorâmica de todo o trabalho, devendo:

- Ser exibido em um único parágrafo, não ultrapassando 250 palavras. Todo o resumo deve vir em espaço simples com o tamanho da fonte 12.
- O resumo pode conter as seguintes informações: descrição do tema, do problema de pesquisa, os objetivos do trabalho, a metodologia utilizada, a conclusão a que se chegou e as recomendações apresentadas. Logo abaixo, devem ser inseridas no máximo quatro palavras-chave.

### **4.1.2 Elementos Textuais**

Os elementos textuais ou o texto principal é o trabalho científico em si. No mínimo, divide-se em três partes: introdução, desenvolvimento e, conclusão e recomendações.

#### *4.1.2.1 Introdução*

As questões que guiam a pesquisa são introduzidas e os objectivos do trabalho descritos. Aqui são bastante úteis algumas indicações sobre o ponto de vista sob o qual o trabalho vai ser abordado, como o trabalho está estruturado e as relações estabelecidas entre as partes.

É na introdução que o autor faz uma retrospectiva da problemática, actualizando os aspectos metodológicos apresentados no projecto de pesquisa. Recomenda-se que os elementos da introdução sejam apresentados em texto corrido ou tipificados. Ao tipificar, o pesquisador tem a liberdade de numerar ou não os elementos da introdução. Resumindo, os itens deste capítulo são:

➤ **Problematização**

Já foi feita a referência a este ponto no projecto de pesquisa. Contudo, lembramos que este tem que ser real e pertinente, devendo para tal apresentar a manifestação do fenómeno dentro de um contexto temporal e espacial, as características do fenómeno e a relação com os indivíduos envolvidos. A problematização pode ou não culminar com a colocação do problema na forma de pergunta.

A problematização engloba a delimitação do problema, isto é, em texto corrido, o autor deve delimitar a pesquisa tendo em conta o espaço e o tempo em que se faz sentir e ocorre o problema, para além do ponto de vista da ciência e das teorias em que o estudo será conduzido.

➤ **Relevância do estudo**

A relevância do estudo contextualiza a razão da escolha do tema (motivação) e os contributos teórico (e/ou práticos) da pesquisa. Assim, o autor deve brevemente, mas de forma esclarecedora, dizer: a) como tomou contacto com o objecto de estudo; b) Qual a sua motivação para levar a cabo o estudo. c) Que relevância ou utilidade terá a pesquisa para a ciência ou para o grupo-alvo.

➤ **Objectivos:** estes englobam objectivo geral e específico.

➤ **Limitações do Estudo**

➤ **Considerações Éticas**

#### 4.1.2.2 *Marco Teórico*

Este assunto já foi discutido no capítulo 1 deste manual, entretanto importa lembrar que em página separada, o marco teórico será tratado logo a seguir às considerações éticas, como capítulo 2.

Neste capítulo, o autor demonstra o conhecimento da literatura básica e teorias sobre o assunto, resumindo os resultados dos trabalhos feitos por outros autores. O autor define claramente o ponto de vista sob o qual o seu estudo será conduzido.

Neste capítulo, o autor faz a revisão bibliográfica de teorias e/ou autores que discutem a temática relacionada com o tema do seu trabalho. Faz críticas e opta por uma ou duas teorias que o ajudarão a concluir com o seu estudo. Resumindo, o marco teórico serve para:

- Enquadrar o estudo numa perspectiva (s), teoria (s) ou num modelo(s)
- Apresentar os pressupostos básicos da (s) perspectiva (s), teoria(s) ou do(s) modelo(s)
- Posicionar o pesquisador (explica como o autor pretende aplicá-los no seu estudo)
- Definir os termos mais usados no trabalho (apenas quando necessário).

O marco teórico deverá estar absolutamente adequado ao estudo e não deve ser uma colecção encadeada de citações, devendo o autor introduzir reflexões, comentários ou sínteses pessoais.

No que diz respeito a apresentação, recomenda-se que o marco teórico seja dividido em títulos e subtítulos, podendo no entanto também ser apresentado em texto corrido. O importante é que o texto siga uma sequência perceptível, lógica e de acordo com o tema.

#### *4.1.2.3 Aspectos Metodológicos*

- **Tipo de Pesquisa.**

Nesta secção deve-se ter o cuidado de se delimitar o tipo de pesquisa atendendo à abordagem (positivista, interpretativa e crítica) e aos níveis ou procedimentos (explicativo, compreensivo e participativo). Importa, no entanto, referir que o investigador pode combinar vários tipos de métodos (dependendo da definição do objecto de estudo).

- Universo e Amostra (delimitação e caracterização do objecto de estudo)
- Instrumentos de Recolha de Dados
- Modelo de análise
- Limitações do estudo

#### *4.1.2.4 Apresentação e análise de dados*

O capítulo 4 será dedicado à apresentação, análise e interpretação de dados. Nesta secção, organizam-se os dados, procedendo à “redução dos dados” mediante um processo de codificação

e categorização. Para tal, recorre-se a diversos modos de organização (figuras/matrizes explicativas). Posteriormente, passa-se à fase, propriamente dita, da análise dos dados, verificando e testando as hipóteses ou extraindo significados a partir das evidências apresentadas/organizadas na fase anterior (unidades de análise). Termina-se a fase analítica quando toda a informação recolhida e seleccionada foi tratada a partir do modelo de análise adoptado.

#### *4.1.2.5 Discussão dos resultados*

Depois de se terem produzido os resultados da pesquisa, procede-se ao seu confronto com a revisão de literatura que sustentou o quadro teórico do estudo. Nesta fase da interpretação, procede-se à discussão da problemática (hipóteses ou questões de investigação), procurando estabelecer correlações (hipotético-dedutivas) ou inferências (analítico-indutivas) entre as asserções teóricas e as evidências empíricas.

#### *4.1.2.6 Conclusão e Recomendações*

- **Conclusão**

A conclusão ou parte conclusiva responde de forma sumária e crítica ao problema, aos objectivos que guiam a pesquisa, colocados na introdução e apresenta os resultados da pesquisa.

A conclusão visa sintetizar, dar resposta à problemática formulada no início da pesquisa (abordagem de índole quantitativa) ou ao longo do processo investigativo (abordagem de índole qualitativa). É usual que o autor faça uma síntese das conclusões parciais a que chegou, podendo apresentá-las por meio de tópicos concisos. Nesta parte do texto, não são apresentadas novas ideias (embora nada impeça que novos problemas sejam propostos para outras investigações), mas sistematizadas as ideias principais discutidas ao longo do trabalho. Deve-se realizar um resumo da análise e procurar concluir brevemente, para que não haja várias pequenas conclusões sem uma conclusão geral.

Não incluir nenhum facto que não tenha sido discutido no corpo do trabalho.

- **Recomendações ou contributos**

Se a introdução abre, a conclusão fecha, ao mesmo tempo que abre espaço para recomendações. As recomendações ou contributos propõem soluções para os problemas identificados ou sugerem questões de investigação para continuar a aprofundar a problemática em análise. No geral recomenda-se em função da conclusão a que se tiver chegado. Para tal:

- Diz-se o que foi constatado,



- Elabora-se a recomendação com base na constatação,
- Explica-se a finalidade da recomendação.

## 5 Capítulo III: Formatação Básica

### 5.1 Enumeração

Relativamente à enumeração das partes do trabalho, vários sistemas podem ser aplicados, veja os exemplos abaixo:

Numérico	Alfa – numérico	Alfa numérico expandido
1 ...	A...	Primeira parte ... A...
1.1...	I...	I...
1.1.1	a...	a... b...
1.1.2...	1	II...
1.2...	2	B...
	b...	Segunda parte



Qualquer que seja o sistema escolhido deve ser consequentemente seguido em todo o texto. Para divisão ou subdivisão dos capítulos, deve ter-se em conta que A segue a B e depois de 1 segue a 2, etc., caso contrário, a divisão ou subdivisão não é lógica mas sim inútil.

- Normalmente, a página de rosto e o índice são contados como páginas, o que significa que a página de rosto é página 1 e as páginas textuais começam por exemplo, com a página 10. Nesse caso, para deixar o texto começar pela página número 1 é recomendado que se use números romanos para todos os elementos pré-textuais exceptuando a capa.
- Os apêndices devem ser evitados e os anexos devem ser inseridos apenas quando necessários. Os apêndices e anexos têm dupla numeração:
  - a) A sequência da numeração própria do trabalho.
  - b) A numeração respectiva dos apêndices e anexos

No corpo do texto principal, podem ser inseridos elementos gráficos, fotos, ilustrações e outros,

desde que sejam essenciais para a sua compreensão; caso contrário, estes devem ser inseridos como anexos.

## 5.2 Listas

A lista de tabelas, figuras e abreviaturas deve seguir a ordem apresentada no Índice. Todas as tabelas, figuras e abreviaturas devem ser listadas. Na lista de tabelas e de figuras o respectivo número de página deve ser incluído. Pode-se recorrer a dois modelos muito comuns para enumerar tabelas ou figuras.

Tabela nº 1: Ruídos na Comunicação .....	6
Tabela nº 2.1: Disciplinas avaliadas .....	16

Tal como é exemplificado acima, a primeira opção, recomendada para as monografias, serve para enumerar as tabelas (figuras) de 1 até...n números de tabelas, em todo o texto, colocando o nº da tabela, o título da tabela e indicação da página.

A segunda opção começa com o número do capítulo e depois a indicação do número da tabela, seguido do seu título e a indicação da página. Esta prática é recomendada para as dissertações.

Qualquer que seja o modelo de enumeração escolhido deve ser uniformizado em todo o trabalho científico.

## 5.3 Texto

A formatação do texto do trabalho científico deve tornar a leitura fácil e apetecível e apoiar a estrutura física do texto.

## 5.4 Fonte e espaçamento

De um modo geral, na formatação do texto do trabalho científico é recomendada a utilização da fonte *Times New Roman* (ou equivalente, por ex., *Cambria Math*) estilo normal, alinhamento justificado e tamanho 12 com espaçamento entre linhas de 1,5.

## 5.5 Citações

Relativamente a esta secção, pode consultar-se o Manual de Investigação da UCM ([http://reid.ucm.ac.mz/manual/Manual-de-Investigacao-da-UCM\\_Normas-6-Edicao.pdf](http://reid.ucm.ac.mz/manual/Manual-de-Investigacao-da-UCM_Normas-6-Edicao.pdf)), onde consta o modelo adoptado para todas as Faculdades.

## 5.6 Notas de rodapé

Empregam-se notas de rodapé para a inclusão de textos explicativos de relativa importância para a compreensão do texto principal, advertências, bem como para indicações bibliográficas, transcrições e ideias contidas em outros trabalhos. O objectivo da inclusão das notas de rodapé é o de não desviar a atenção do leitor do texto principal para elementos de importância secundária. Assim, para as notas de rodapé recomenda-se o tamanho de fonte 9, com espaçamento entre linhas simples.

## 5.7 Dimensões dos Trabalhos Científicos

Excluindo os elementos pré-textuais e pós-textuais e, considerando a introdução, o desenvolvimento e, a conclusão e recomendações, a monografia deve ter, no mínimo, 20 páginas e no máximo 25; a dissertação deve ter no mínimo 30 e no máximo 50 páginas (excluindo-se os apêndices e anexos).

## 5.8 Capítulos

A divisão dos trabalhos científicos em capítulos e secções tem por objectivo facilitar a identificação de partes do texto integral, quer para despertar a atenção do leitor para a ideia central do trabalho, quer para facilitar a sua localização. Sendo assim, não existem regras fixas para sua determinação.

## 5.9 Títulos

Título é a designação que serve para identificar o objecto do trabalho. Além da monografia ou dissertação, como um todo, os capítulos e secções também recebem título.

No trabalho há títulos que não aparecem enumerados (índice, agradecimento, dedicatória, sumário, introdução, conclusão e recomendações e bibliografia, etc.). Estes devem estar centralizados, com tamanho 14 e em negrito.

Os títulos de capítulos, por serem as principais subdivisões do trabalho, devem iniciar em folha separada.

### **5.10 Margens**

A faculdade adopta as seguintes margens para a formatação e configuração da página do Word na posição vertical: onde a margem superior é de 3.0 cm, margem inferior é de 2.0 cm, margem esquerda é de 3.0 cm e margem direita é de 2.0 cm.

### **5.11 Apêndices**

Os apêndices têm a mesma função e seguem a mesma formatação dos anexos; a diferença é que os apêndices são documentos elaborados pelo autor da monografia/dissertação/trabalho de projecto.

### **5.12 Anexos**

Designam-se como anexos todos os textos, gráficos e documentos, não elaborados pelo autor da monografia, que servem de apoio, ilustração ou suplemento da monografia/dissertação/trabalho de projecto, os quais, por serem acessórios, não são inseridos no corpo principal, mas no final deste.

### 5.13 Tabelas e Figuras

Na generalidade as figuras e tabelas devem ser integradas dentro do texto onde elas são discutidas ou abordadas. Todas as tabelas ou figuras integradas no texto devem ser comentadas pelo autor mesmo que elas pareçam simples ou já explicadas.

Para cada tabela ou figura, a fonte de obtenção deve ser mencionada.

Tabela 4.1: Disciplinas sujeitas à avaliação UCM-CED 2002/03

Disciplina	Total	Total	Total	Total

Fonte: UCM, Centro de Ensino à Distância (CED), 2004

### 5.14 Referências bibliográficas

Recebe o nome de referências bibliográficas a lista de obras efectivamente utilizadas pelo autor no corpo do texto principal de seu trabalho. Obras consultadas, mas não mencionadas, são omissas da lista final. O CED-UCM adoptou, como modelo de citação/referenciação das fontes usadas nos trabalhos, as Normas APA, 6ª Edição, (vide as normas no documento de normas APA, 6ª Edição, em anexo).

## 6 Capítulo IV: Critérios para avaliar Monografias e Dissertações

No CED os critérios a seguir na avaliação de Monografias e Dissertações são os seguintes:

<b>GRELHA DE AVALIAÇÃO - CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO</b>						
<b>Escala</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	
1 – Organização gráfica						
2 – Articulação e domínio do discurso acadêmico (expressão escrita cuidada)						
3 - Indicação clara do problema de investigação e metodologia adequada ao objecto de estudo						
4 - Revisão bibliográfica nacional e internacional de grande actualização						
5 - Utilização de fontes documentais de relevo para o estudo						
6 - Conhecimento de estudos de investigação produzidos na área						
7 - Quadro teórico e prático com grande ligação à área científica do ciclo de estudos						
8 – Exploração dos dados de forma elevada						
9 – Contributos teórico-práticos						
10 – Rigor e coerência das citações/Referências bibliográficas						
	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	
	<b>TOTAL</b>					<b>MÉDIA</b>
	<b>0</b>					<b>0,0</b>

Fórmula: 
$$\frac{\sum_{i=1}^{10} x_i}{10}$$

*Fonte: Manual de Investigação da UCM, 2012*

Quanto aos critérios para a avaliação da apresentação oral, e respectiva defesa, poderão encontrar num outro documento elaborado para este fim.

## 7 Referências Bibliográficas

Alves-Mazzotti, A. & Gewandsznajder, F. (1999). *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo (Brasil): Pioneira.

Azevedo, M. (2004). *Teses, relatórios e trabalhos escolares. Sugestões para a estruturação da escrita* (4.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Barros, A., Lehfeld, N. & Aparecida, S. (2003). *Projecto de pesquisa: propostas metodológicas* (14.<sup>a</sup> ed.). Petrópolis: Vozes.

Canastra, F., Haanstra, F. & Szabo, E. (2012). *Manual de pesquisa da UCM*. Nampula: UCM.

Canastra, F., Haanstra, F. & Vilanculos, M. (2012). *Manual de Investigação da UCM* (1.<sup>a</sup> ed.). Beira: Instituto Integrado de Apoio a Investigação Científica.

Edna, S., Menezes E., (2005). *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação* (4.<sup>a</sup> ed.). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis. Recuperado em 23 de Maio de 2016, de [https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes\\_4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf)

Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor.

Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5.<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Atlas.

Gutiérrez, A. (2003). *La intervención socioeducativa como processo de investigación*. Madrid: Nau Libres.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2010). *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas* (10.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

Mattar, F. (2005). *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento* (6.<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Atlas.



Polonio, A. (S/D). *Como escrever um ensaio filosófico*. Lisboa: CEF-SPF. Recuperado a 12 de Setembro, 2011, de <http://www.cef-spf.org>.

Richardson, R. (1999). *Pesquisa social – métodos e técnicas* (3.<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Atlas.

Severino, A. (2002). *Metodologia do trabalho científico* (22.<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Cortez

Souza, N. (1991). Considerações sobre a Dissertação de Mestrado. *Revista Análise Econômica*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado a 23 de Maio de 2016, de [http://www.nalijosouza.web.br.com/downloads/artigos/metod\\_diss.pdf](http://www.nalijosouza.web.br.com/downloads/artigos/metod_diss.pdf)

**1.ª EDIÇÃO**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MOÇAMBIQUE  
CENTRO DE ENSINO À DISTÂNCIA

**MANUAL DE ELABORAÇÃO DE TRABALHOS  
CIENTÍFICOS**

RUA CORREIA DE BRITO, 613, BEIRA, MOÇAMBIQUE  
TEL.: +258 – 23 32 64 06, FAX: +258 – 23 32 64 05

Correio electrónico: [ced@ucm.ac.mz](mailto:ced@ucm.ac.mz)

[www.ucm.ac.mz](http://www.ucm.ac.mz)